

## **Pronunciamento do Primeiro Festival Mundial das Resistências y Rebeldias contra o Capitalismo**

Traduzido de [Enlace Zapatista](#)

Aos povos do mundo.

De Chiapas, México, levantamos nossa palavra para dirigirmos às mulheres e homens desde baixo, do campo e da cidade, no México e no mundo, a todos que semeiam resistências e rebeldias contra o capitalismo neoliberal que a tudo destrói.

Nos reunimos nos dias 21, 22 e 23 de dezembro na comunidade ñahtó de San Francisco Xochicuautla, estado do México; nos dias 22 e 23 de dezembro na comunidade nahua de Amilcingo, Morelos; nos dias 24, 25 e 26 de dezembro, no espaço da Frente Popular Francisco Villa Independiente, na Cidade de México, no dias 28 e 29 de dezembro na comunidade de Monclova, Campeche, nos dias 31 de dezembro e primeiro de janeiro no Caracol Zapatista de Oventic, Chiapas; nos dias 2 e 3 de janeiro no CIDECI de San Cristóbal de las Casas, Chiapas. Nos reunimos para fazer compartilhamentos, que não se foram somente compartilhar, mas sim aprender e construir juntos. Compartilhamentos que foram inundados com uma profunda dor que é nossa e uma raiva que é nossa, pela desapareção e assassinato dos estudantes da Normal Rural Raul Isidro Burgos de Ayotzinapa, Guerrero. Ato criminoso que é em sua vez reflexo da política de morte que os maus governos e capitalistas projetaram em cada canto do país e do mundo, por eles, os que nos faltam são nossos desaparecidos e não deixaremos de lutar até que os encontremos desde o que somos na Sexta Nacional e Internacional, no Congreso Nacional Indígena e no [Exército Zapatista de Libertação Nacional](#).

Os capitalistas e seus capatazes dos maus governos deixaram uma destruição no coração dos indivíduos que somos e deixaram uma grande destruição no coração coletivo que somos, como somos, os povos, os pais e mães dos jovens que nos arrancaram e as organizações solidárias decididas a reconstruir a vida onde os poderosos semearam luto e morte.

Nas comunidades indígenas que somos, os embates do sistema capitalista se sofrem com o sangue e com a dor de nossos filhos, que são também o único futuro possível para este planeta que chamamos de Terra, no que no meio das distâncias e das diferentes cores que nos fazem ser e nos fazem existir, manteremos a certeza de que é nossa mãe e do que está vivo, e que para que assim siga sendo, a justiça é uma demanda que se tece com as ações e convicções dos que somos no mundo de baixo, o que não aspiramos a governa-lo, mas sim a caminhar construindo-o.

Desde os oceanos, as praias, as montanhas, as cidades e os campos, construímos e reconstruímos junto com as assembleias, organizações e coletivos que tecem de diversas formas autônomas os espaços e as formas de organização e solidariedade que são capazes não somente de conter esta destruição capitalista que nos distingue povos ou cores e que em sua cegueira crônica somente reconhece tudo aquilo que alimente essa mesma destruição vestida de guerras permanentes, mercados injustos e descomunais ganâncias para uns poucos, valores alheios aos povos e contrários aos antigos acordos com nossa Mãe Terra que dão sentido à vida no mundo, que nos dão liberdade e nos fazem dignas, dignos de viver em defender a vida.

Porém, os capitalistas que nos dizem governar e que na realidade somente buscam dominar, administrar e explorar, possuem um limite, uma barreira grande, na dignidade de uma pessoa, de uma família, de um coletivo, de uma sociedade a que danaram no mais profundo, a que arrancaram e mataram uma parte de seu coração, detonando uma explosão de rebeldia como a que iluminou este Festival Mundial das Resistências e Rebeldias contra o Capitalismo ao que chamamos de "onde os de cima destroem, nos de baixo reconstruímos", porque abaixo estamos, desde baixo entendemos o mundo, desde baixo o cuidamos, de baixo olhamos uns aos outros e desde ali, juntos, reconstruímos o destino que acreditávamos próprio até que os poderosos nos o arrancaram e somente então aprendemos, somente então sabemos que o que é realmente nosso é o que podemos construir ou reconstruir onde o capitalismo tenha destruído.

A dor que se converte na digna raiva dos familiares dos estudantes assassinados e desaparecidos da escola normal rural Raul Isidro Burgos é a dor que nos sequestrou e desapareceu também a nós, assim que nunca deixaremos de lutar até encontrarmos, junto com os irmãos ou as irmãs assassinadas, desaparecidxs, torturadxs, exploradxs, depreciadxs ou desoladxs em quaisquer pontos da selvagem geografia capitalista, em quaisquer fronteiras do mundo, em quaisquer cárceres.

Os caminhos dos povos do mundo tanto no campo como na cidade com seu próprio rumo se conduzem ao rastro deixado por seus próprios ancestrais, caminhos que se dividem, se interceptam e se cruzam com os nossos, até que encontram um mesmo rumo, marcado pela dignidade rebelde que fala em tantas línguas e é de tantas cores como é a natureza mesma que tece com pequenos bordados para poder construir o que necessitamos ser.

Assim, irmãos e irmãs deste mundo dolorido, porém alegre pela rebeldia que nos alimenta, convidamos a seguirem caminhando com um passo pequeno, porém firme, a seguirmos encontrando, compartilhando, construindo e aprendendo, tecendo a organização desde baixo e à esquerda. Somente nossa rebeldia e de nossa resistência nascerá a morte do capitalismo, viverá um mundo novo para todos, para todas.

San Cristóbal de las Casas, México, 3 de janeiro de 2015.

CONGRESSO NACIONAL INDÍGENA

EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

SEXTA INTERNACIONAL

SEXTA NACIONAL